Para fazer frente a esse problema, os professores precisam estar seguros de seu papel e não ficar hesitantes para tomar decisões. Têm que se responsabilizar por aquilo que decidem e não temer colocar limites para as ações dos alunos e de suas famílias, pois o ambiente escolar é diferente do familiar e na escola não é a família que deve decidir. Há que se resgatar a autoridade docente.

Concluímos dizendo que é necessário superar o fato de que o adulto de hoje não educa em razão de um dever ser que decorre da geração anterior, mas em nome de uma certeza pouco mais futurista.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Plano Nacional das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana. Brasília: SECAD; SEPPIR, jun. 2009.

BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino da História Afro-Brasileira e Africana. Brasília: SECAD/ME, 2004.

CAVALLEIRO, E. "Educação anti-racista: compromisso indispensável para um mundo melhor". In: Cavalleiro (org) Racismo e anti-racismo na educação. São Paulo: Summus, 2001.

D'ADESKY, J. Pluralismo étnico e multiculturalismo: Racismos e Anti- Racismos no Brasil. Rio de Janeiro: Pallas, 2001.

GONÇALVES, Luiz Alberto Oliveira & SILVA, Petronilha B. Gonçalves e. O jogo das diferenças: Multiculturalismos e seus contextos. Belo Horizonte: Autêntica, 1998

GOMES, N. L. "Educação cidadã, etnia e raça: o trato pedagógico da diversidade" In: Cavalleiro(org) Racismo e anti-racismo na educação. São Paulo: Summus, 2001.

KREUTZ, L. "Identidade étnica e processo escolar" In: Cadernos de pesquisa, Fundação Carlos Chagas n.107, julho, 1999.

NEGRÃO, E. "Preconceitos e Discriminações raciais em livros didático e infanto-juvenil". In: Cadernos de Pesquisas. Fundação Carlos Chagas. n.17 junho de 1976.

PINTO, R.P. "Diferenças étnico-raciais e formação de professor". In: Cadernos de Pesquisas, Fundação Carlos Chagas, n.108, novembro de 1999.

SANTOS, I. A "A responsabilidade da escola na eliminação do preconceito racial: alguns caminhos". In: Cavalleiro(org.) Racismo e anti-racismo na educação. São Paulo: Summus, 2001.

SOUZA, E.F. "Repercussões do discurso pedagógico sobre relações raciais nos PCNs" In: Cavlleiro(org) Racismo e anti-racismo na educação. São Paulo: Summus, 2001.

NASCIMENTO E.L. "Sankofa: educação e identidade afrodescendente" In: Cavalleiro (org) Racismo e anti-racismo na educação. São Paulo: Summus, 2001.

MUNANGA, Kabengele. O preconceito racial no sistema educativo brasileiro e seu impacto no processo de aprendizagem do "alunado negro". IN: Utopia e democracia na Escola Cidadã. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal de RGS, 2000.

PIERUCCI, Antônio Flavio. Vivendo o preconceito em sala de aula IN: Diferenças e preconceitos na escola alternativas teóricas e praticas. São Paulo: Summnus, 1998. Ciladas da diferença. Tempo Social, 1990.

A IMPORTÂNCIA DAS ARTES VISUAIS PARA O ENSINO APRENDIZAGEM DOS ALUNOS COM NECESSIDADES ESPECIAIS

VÂNIA BENEDITA DA COSTA FERMINO

RESUMO

O Presente trabalho visa abordar a importância das artes visuais para o ensino aprendizagem dos alunos com necessidades especiais, sendo intermediada pelo professor. Entretanto o processo de aprendizagem não depende só da instituição de ensino, e sim o conjunto, governo, escola, família e sociedade, onde juntos podemos contribuir para uma sociedade igualitária, independente de qualquer necessidade que o aluno possa apresentar. Não basta trabalhar apenas alguns para tentar ser inclusivos, mas sim todos, como diz a lei do Art.53 do Estatuto da Criança e do Adolescente que todas as crianças tem direito garantido á educação sem nenhum tipo de constrangimento ou preconceito. Trabalhar através das Artes Visuais é uma estratégia rumo ao caminho do desenvolvimento expressivo e representativo da criança, desta forma, a arte precisa ser mais valorizada dentro da escola, não apenas na hora do desenho ou da pintura, mas principalmente como uma disciplina curricular corroborando ao desenvolvimento cognitivo dos alunos com necessidades especiais.

PALAVRAS-CHAVE: Artes Visuais; Ensino Aprendizagem; Necessidades Especiais.

INTRODUÇÃO

O Presente trabalho constitui se no objetivo de abordar a importância das artes visuais para o ensino aprendizagem dos alunos com necessidades educacionais, sendo intermediada pelo professor. Inicialmente, o estudo abordará o papel do profissional, desde a instituição de ensino, até a reflexão da prática para a vivência de mundo do aluno.
A inclusão escolar é um grande avanço na sociedade, incluir é lei, lei federal 7.853 de 24/10/89, em relação á alunos com necessidades especiais como: motor, visual, auditivo e mental, quanto àqueles que têm déficits de aprendizagem.
Tempos atrás os alunos com necessidade e deficiência eram “separados” das crianças consideradas “normais” eram segregados em escolas e classes separadas, com a inclusão esse conceito se modificou e todos os alunos independente de sua diferença passaram á estudar juntos.
Segundo Sassaki, 1997, a inclusão é a modificação da sociedade como pré-requisito para que a pessoa com necessidade especial possa buscar seu desenvolvimento e exercer a cidadania.
Sempre que o direito de acesso á escola regular é questionado, a principal alegação é a dificuldade de atender as necessidades que cada aluno precisa, ou seja, uma metodologia diferenciada, e com esse argumento é necessário fazer apresentações das leis que tem como finalidade garantir o acesso, portanto vale a pena lembrar que ainda sim, há discussão, sobre a necessidade de novos estudos que favorecem esse atendimento.
Não basta modificar, apenas o processo de ensino, os professores também, por que eles fazem o processo acontecer; frente essa mudança a forma de ensinar teve que ser reformulada, os professores tiveram que se capacitar com cursos de extensão, como: Pós Graduação, Mestrado se estendendo até Doutorado, o que antes necessitava do Magistério ficou complexo, pois não tinham a formação adequada para trabalhar com esses alunos. Mesmo com a preparação através das capacitações isso não é suficiente para enfrentar a inclusão, o professor tem que estar consciente diante das dificuldades que existem tanto para o professor quanto ao aluno.
Para trabalhar com a inclusão no ambiente escolar é necessário mostrar a diversidade, pois os alunos têm que ter a mesma percepção de interesses e competências, possível de ser trabalhada pelo professor, independente da bagagem cultural que ele traz consigo.
As políticas de inclusão têm como perspectivas, com a elaboração dessas leis, é criar possibilidades de incluir o aluno em espaços comuns, afim de que o aprendizado caminhe com a socialização, pode-se pensar que, diante destas ideias, trazer ao convívio social o aluno, garantir assim a possibilidade de concorrer as mesmas oportunidades, porém, com avaliações diferenciadas.

Segundo Ture Jonson,1998, em seu livro Educação Inclusiva defini “Sociedade para todos “como” uma sociedade que se empenha para acolher as diferenças de todos os seus membros”. Isto significa que temos que focalizar nossos esforços não mais em adaptar as pessoas á sociedade e sim em adaptar e capacitar as pessoas.

Analisando os alunos através de suas experiências, o professor possui uma visão ampla da convivência social de cada um, pois eles refletem tudo o que aprende com os pais, na grande maioria dos casos a deficiência ou dificuldade é devido há traumas vividos desde o nascimento, por isso é necessário trabalhar em conjunto: governo, escola, família e sociedade.
A escola é a primeira porta para o conhecimento do indivíduo desde o início é o aprendizado para a vida adulta, se na infância não for trabalhado a diversidade, como eles irão se desenvolver? Portanto é um grande avanço para a sociedade a inclusão escolar, onde ocorre a integração do indivíduo auxiliando o em sua socialização com os que são diferentes.

CONTEXTO HISTÓRICO: COMO ERAM TRATADOS ANTERIORMENTE OS QUE ERAM “DIFERENTES OU ANORMAIS”

Na Grécia Antiga Esparta e Atenas aqueles que eram diferentes, ou seja, pessoas com deficiência ou mental eram mortos; em Esparta eram sacrificados aqueles que não estavam nos padrões de ser um guerreiro. Em Atenas eles cultuavam o belo e a perfeição do corpo. Anteriormente a deficiência era considerada algo ruim como se fosse um castigo, possessão e desígnio. No Império Romano eles cometiam infanticídio aos portadores de monstruosidades, venda de deficientes, e divertiam convidado, exemplo: Concurda de Notre Dame.
Na Idade Média a educação era apenas para os filhos dos poderosos, aqueles que estudavam e obtiam conhecimento, enquanto os outros eram preparados para a agricultura, o artesanato, ou seja, tínhamos uma sociedade com hierarquia, na qual os indivíduos eram subordinados uns aos outros; eram separados em elites formada por senhores de terra e pelo clero que ocupava o poder político era fragmentado entre senhores feudais e o rei.
O processo de inclusão começa a partir do momento em que é discutido os direitos humanos.1° direito reservado pela primeira vez na história o Estado reconhece que qualquer ser humano tenha ou não posses,tem direitos assim como também deveres

pois a lei é igual para todos e não se isenta ninguém .
Quando acabou a Segunda Guerra Mundial nos temos á Declaração Universal dos direitos humanos (1945), imposto para obedecer e respeitar os direitos humanos.

Segundo Bourdieu, ao longo da primeira metade do século XX, a visão predominante atribuía á escola o papel central na construção de uma nova sociedade justa,moderna,aberta e democrática, na qual a escola pública e gratuita garantiria o acesso á educação, e consequentemente ,á igualdade de oportunidades.Foi,entretanto no contexto da democratização do acesso á escola fundamental e do prolongamento da escolaridade obrigatória que se tornou evidente o problema das desigualdades de escolarização entre os grupos sociais.(classe,etnia,sexo,local de moradia, entre outros.
Para Bourdieu: Não há dúvida de que os julgamentos que pretendem aplicar se a pessoas em seu todo levam em conta não somente a aparência física propriamente dita, que é sempre socialmente marcada (através de índices é como corpulência ,cor, forma do rosto, estereótipos),mas também o corpo socialmente tratado (com a roupa, os adereços, a cosmética, e principalmente, as maneiras e a conduta) (1998,p.193).

Como vimos desde a Grécia Antiga existe a inclusão em todos os aspectos é polêmico, agora vamos ficar por dentro do que ocorreu após algumas leis que foram criadas para tentar amenizar a situação.
Trabalhar a inclusão escolar não é uma tarefa fácil, porém necessária, após a LDB 9394/96(Lei Darcy Ribeiro/Lei de Diretrizes e Bases), é obrigatório todas as escolas incluir alunos portadores de necessidade especial, assim como adaptar o ambiente escolar para receber essas crianças. Não basta trabalhar apenas alguns para tentar ser inclusivos, mas sim todo como diz a lei do Art.53 do Estatuto da Criança e do Adolescente que todas as crianças tem direito garantido á educação sem nenhum tipo de constrangimento ou preconceito.

Atender o portador de necessidades especiais, diferenças culturais e sociais, não é para marcar passo ou ser segregada em classes especiais e atendimentos, escola não pode ser comparada a um espaço onde o aluno apenas seja um atendente por ação de cumprimento de tabela, mas há sistemas organizacionais de ensino que tornam esse percurso muito difícil, uma verdadeira competição dos que querem se manter no seu curso principal e outros que pretendem seguir regras em ações corretas e ideais.(Mantoan, 2002, pag 2)

A escola no Brasil ainda tem caráter excludente, conservador, com isso a ideia de incluir alunos com modalidade de ensino diferenciado tem sido um grande choque na escola e família, um ponto a ressaltar é a necessidade de novas metodologias especificas, seja nos conteúdos, metodologia e na avaliação. Vivemos em novos tempos, os antigos paradigmas que a modernidade vem quebrando, com a necessidade de fazer-se útil, todo ser existente, fazendo valer das leis que garantem direitos e deveres iguais a todos.
Podemos pontuar que os métodos científicos e químicos, já não são mais os únicos atuantes ou responsáveis em atuar como ponte de socialização de pessoas que necessitam de um olhar diferenciado, por visto que o meio é essencial para que esse trabalho seja fortalecido, pensando que a sociedade ainda é feita para aqueles que são consideráveis jovens e perfeitos.
É evidente que a escola comum se torna inclusiva quando reconhece as necessidades de seus alunos, e refaz toda a sua matriz curricular e o desenvolvimento de novas ideias preparatórias de seu corpo docente e de sua estrutura física. Na grande maioria os professores que recebem essas crianças não têm formação suficiente para trabalhar com as mesmas não por falta de vontade e sim por falta de recurso. O professor inclusivo tem que querer e estar disposto às novas necessidades da educação tem que estar envolvido e comprometido com o trabalho; muitos professores citam que na graduação não receberam uma formação adequada e devido a isso os impossibilitam de trabalhar com os inclusivos uma vez que não tem o preparo suficiente.
No curso de Pedagogia não temos uma visão ampla da educação especial, mesmo que não tenha tido o preparo básico na graduação nada impede o profissional buscar novas aprendizagens para poder complementar seu conhecimento. Além da LDB 9394/96 temos á Declaração de Salamanca e a Convenção da Guatemala, leis educacionais com o intuito de modificar questões antes não alteradas, que contribui na educação do Brasil, ou melhor, do País, visando a integração de todos independente de sua deficiência, de seu grau de aprendizado, o único fator essencial exigido pela Constituição Federal é a educação básica, independente da idade; seja devido às dificuldades como por falta de oportunidades na idade certa.
Quando o aluno está na escola, o professor como mediador do processo ensino aprendizagem, tem que entender qual a dificuldade da criança em sua forma de aprender e ensinar da maneira que ela entenda, o que o aluno aprende no espaço educacional tem que refletir em seu cotidiano. No filme ‘’Escritores da Liberdade’’ dirigido por Richard LaGravenese que é baseado em fatos reais retrata como uma

professora dedicou sua vida para ensinar os alunos não apenas com aprendizados em matérias de grade escolar , mas também em suas vidas, abrindo mão até mesmo do seu casamento, e buscando formas de fazer com que os alunos conhecessem a vida. A visão de analise realizada foi que a professora buscou formas de ensinar de maneira que eles aprendessem, ela mergulhou no convívio dos alunos entendeu a dificuldade ,a maneira como eles pensavam em relação a sociedade e a si próprios, à partir do mundo deles, e com isso contribui para a socialização ,e inteligência antes não trabalhadas por outros professores por serem limitados ao método tradicional . O filme mostra uma cena incrível em questão do capital cultural; os alunos ao serem questionados sobre o que foi o Holocausto ninguém sabia o que era, exceto um aluno (o único de origem branca), nesta cena torna se bem claro as palavras de Pierre Bourdieu:
Conjunto de recursos atuais ou potenciais que estão ligados á posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e de interconhecimento ou ,em outros termos, á vinculação a um grupo, como conjunto de agentes que não somente são dotados de propriedades comuns(passíveis de serem percebidas pelo observador, pelos outros ou por eles mesmos),mas também são unidos por ligações permanentes e úteis.(Bourdieu.1998,p.28).

Seguindo a linha de pensamento de Bourdieu é a família que realiza os investimentos educativos do filho, que dá a herança cultural que ele possui. Como mostra o filme à maioria dos jovens que estudavam naquela escola, não tinha nada de cultura além do que cada um sabia da sua e faziam tudo para defende lá sem saber das dos outros, quase todos eram reféns de gangues ao convívio pacifico com os que eram diferentes.

DESENVOLVIMENTO

A arte sempre esteve presente, nos tempos antigos, o homem deixava seus registros na parede da caverna. Segundo Santos (2006), no Brasil começamos a pensar no ensino das artes a partir do séc. XIX, o estudo da arte nesse período ainda era muito classificatório, isto é, apenas filhos da elite dos nobres tinham o privilégio de estudar artes.
Só realmente em 1816 foi criada a Academia Imperial de Belas Artes, no Rio de Janeiro, que tinha o objetivo de preparação para habilidades técnicas e gráficas além do domínio da racionalidade, consideradas fundamentais a expansão industrial, passando o desenho a ser obrigatório nas escolas nos anos iniciais do Estado, sendo base para todas as artes.

Foi nesse momento com acontecimentos reservados para a elite e as camadas mais populares; que passamos a ver a arte como algo supérfluo sem necessidade. Situação que perpetua até os dias de hoje.
No séc. XX o professor era detentor da verdade, ele é quem tinha o conhecimento a ser trabalhado e os alunos eram apenas os receptores. Nessa época as artes tinham a finalidade de treinar o desenho, tentando ao máximo chegar à perfeição, enfatizando o desenho geométrico com base em datas comemorativas e animações de celebrações cívicas. Ainda no mesmo século, a arte veio crescendo na questão de Mensino, surgindo assim as tendências pedagógicas. Está prática de ensino de arte está vinculada a concepção de uma pedagogia Tradicional onde,

O ensino e a aprendizagem de arte concentram-se apenas na ´transmissão` de conteúdos reprodutivistas, desvinculando-se da realidade social e das diferenças individuais. O conhecimento continua centrado no professor, que procura desenvolver em seus alunos também habilidades manuais e hábitos de precisão, organização e limpeza. (FERRAZ E FUSARI, 1993, p.31.)

Desta forma o professor é o centro do processo, isto é os alunos estão sujeitos aos conhecimentos que o professor está levando eles a construírem, sendo os alunos passivos no processo, onde apenas armazenam e memorizam sem questionar nada, como se o que professor falasse não pudesse ser questionado, e dessa forma o conhecimento que estava em construção não era processado de forma que pudesse ser transformado em novo conhecimento.
Em 1930, surgiu no Brasil a pedagogia Nova que, segundo Santos (2006) é onde o ensino-aprendizagem passa do professor ao aluno, isto é, o professor incentiva o desenvolvimento livre e espontâneo do aluno, a expressão. Passando assim a ter interação entre aluno-professor e aluno-aluno, estando o ensino no autodesenvolvimento do aluno, que passa a poder questionar o conhecimento e não apenas receber, assim como podemos ir à busca de outras fontes que possam complementar a informação que eles já têm.
Em 1960, cerca de 30 anos depois, surgiu no Brasil à pedagogia Tecnicista onde a metodologia do ensino era repetitiva e mecânica, o que era avaliado era o “saber construir”, saber fazer. Se o aluno errasse era considerado inapto para a função. A nota determinava se ele era bom ou ruim funcionário/aluno. Os alunos nesse período encontravam-se, como se fosse, em treinamento para trabalhar nas fábricas.
Em 1971 com a LDB 5652/71 a educação artística

passa a constar no currículo escolar como atividade educativa, tendo o foco em técnicas e habilidades. Em 1996 a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9394/96), prevê que as artes se tornem obrigatórias na educação básica (educação infantil, ensino fundamental e médio).

A INTERVENÇÃO DO PROFESSOR NO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM

A intervenção do professor no processo de aprendizagem e suas dificuldades, tendo por enfoque o sujeito que aprende em seus vários contextos: da família, da educação (formal e informal), da empresa, da saúde realização de diagnóstico e intervenção psicopedagógica mediante a utilização de instrumentos e técnicas próprios de Psicopedagogia
O professor na instituição escolar como um profissional qualificado, está posto trabalhar na educação, dando uma assistência aos professores e a outros profissionais da instituição escolar para que haja uma melhoria nas condições do processo de ensino-aprendizagem para prevenção dos problemas de aprendizagem. A instituição está cada vez mais preocupada com os alunos que têm dificuldades de aprendizagem, e ainda não sabem mais o que fazer com as crianças que não aprendem de acordo com o processo considerado normal e não possuem uma política de intervenção capaz de contribuir para a superação dos problemas de aprendizagem.
A intervenção psicopedagógica visa uma solução de problemas da aprendizagem juntamente com toda a equipe escolar, e está mobilizado na construção de um espaço adequado às condições de aprendizagem
A escola, como observa Sarramona (apud IGEA, 2005, p 19), veio ocupar uma das funções clássicas da família que é a socialização: A escola se converteu na principal instituição socializadora, no único lugar em que os meninos e as meninas têm a possibilidade de interagir com iguais e onde se devem submeter continuamente a uma norma de convivência coletiva.
A intervenção também se propõe a incluir os pais no processo, por intermédio de reuniões, possibilitando o acompanhamento do trabalho realizado junto aos professores pode atuar em diversas áreas, de forma preventiva e terapêutica, para compreender os processos de desenvolvimento e das aprendizagens humanas, recorrendo a várias estratégias objetivando se ocupar dos problemas que podem surgir.

A PREPARAÇÃO DOS PROFESSORES PARA TRABALHAR COM ALUNOS QUE POSSUEM NECESSIDADES ESPECIAIS

Com a inclusão escolar os professores que não estão capacitados para trabalhar com os alunos inclusivos têm que se preparar. O professor não pode resistir, falar não quero, é um desafio que a educação está enfrentando.
Uma vez aprovada às leis que comprovam que todos têm direitos à educação, independente do seu grau de deficiência e / ou dificuldade temos que abraçar a causa e ir até o fim.
Nós como professores frente algumas necessidades educacionais podemos ficar confusos e preocupados, pois não sabemos tudo sobre as causas das crianças que chegam em nossas escolas, mas quanto não temos amigos, professores, especialistas, que sabem e podem ajudar;o que não pode ser feito é o professor virar as costas como se estivesse tudo ótimo isso não,as crianças dependem de nós professores assim como a família que muitas das vezes não tem noção nenhuma de como ajudar seu filho no processo ensino aprendizagem.

A maioria dos professores ainda tem uma visão funcional do ensino. Esse profissional tem o falar, o apoiar e o ditar como recursos didáticos- pedagógicos básicos. É um professor palestrante identificado com a lógica de distribuição do ensino e que pratica pedagógica unidirecional do " A para B ", esse é o esquema de trabalho pratico que aprenderam a aplicar em suas salas de aula. Tudo o que ameaça romper esse esquema é inicialmente rejeitado. (Freire, 1978, pag. 43)

Trabalhar no método tradicional é cômodo ao professor, ele não tem que pensar; Simplesmente é só utilizar o livro e tudo bem, mas as crianças com necessidades e / ou deficiência não aprendem assim, é necessário muito mais do professor, não só da contribuição do professor, mas sim de todos, desde equipe escolar, família, governo e sociedade.
No primeiro momento o professor despreparado ou sem a capacitação com o aluno inclusivo deve conversar com a equipe escolar sendo o coordenador, o diretor, outros professores, especialistas (se a escola tiver), e depois chamar os pais ou responsáveis para conversar sobre a necessidade de seu filho.
O filme "Escritores da Liberdade'' dirigida por Richard Lagrave que já foi citado mostra como a professora se capacitou, ela tinha a teoria, mas nunca havia exercido na pratica, assim quando ela percebeu a necessidade dos alunos que não tinham deficiência alguma, mas por outro lado tinham dificuldades de aprendizagem, problemas familiares que refletiam em sala de aula. Muito positivo o que a professora fez, ela induziu os alunos á escreverem no caderno, contando -lhe sua história, mesmo a equipe escolar

lhe negando ajuda ela fez diferente, não travou e assim falou com quem ajudasse; exemplos como esses relatados pelo filme nos mostra como temos que nos posicionar, buscar formas diferentes para auxiliar nossos alunos no ensino- aprendizagem.

Na escola ou em sala de aula, o professor ocupa uma posição semelhante a do observador participante; pode assim, usar os procedimentos investigativos da observação participante para avaliar a mudança atitudinal. Esta técnica de avaliação é usada em diversas ciências sociais - antropologia, sociologia, pedagogia... - e fundamenta - se no duplo papel do pesquisador. Por um lado, pesquisa e, por outro, participa dos acontecimentos que estuda. (Coll, 1988, pag. 29)

Seguindo a linha de raciocínio de Coll, o professor deve observar seu alunos, conhecer a vida deles e trabalhar com métodos que dêem resultados positivos, o professor deve pesquisar para saber como ensinar aos seus aluno; Além disso o professor como detentor do saber deve interagir junto com seus alunos.
Cada escola tem seu Projeto Político Pedagógico (PPP), um projeto com o intuito de que todas as redes de ensino trabalhem com responsabilidades frente à educação; um material que esclarece à todos da equipe escolar sendo professores, coordenadores, funcionários e a comunidade.
Mudar apenas a estrutura física da escola não adianta, temos que mudar tudo, começando com a organização escolar que vai desde os diretores até as tias da merenda. Uma escola não modificada não tem como trabalhar com os inclusivos, pois eles precisam de muito mais; uma vez modificado no caso das pessoas que trabalham na escola deve ser dado capacitação; fica mais fácil trabalharmos com os alunos que possuem deficiência e/ou dificuldades de aprendizagem.
A inclusão escolar não foi e não é algo fácil de ser trabalhado, mesmo que hoje tenha leis voltadas para a necessidade educacional do aluno tanto com deficiência e / ou dificuldade, nós dependemos de todos (professor, escola, comunidade/família) e governo.
Se uma escola possuir tudo o que necessita para trabalhar com o inclusivo e não tiverem a ajuda do governo, ou melhor, do município, fica complicado, quem dará os equipamentos, a verba necessária para auxiliar os necessitados.
E em outra situação se o professor tem o preparo e sabe com o que está lidando, porem a escola, e a família não acreditam no potencial do filho, nem mesmo o que ele tem de diferente ficara complicado; O filme: “Como Estrelas na Terra”, dirigido por Aamir Khan nos mostra como o professor Ram Shankar Nikumb, entendeu a dificuldade de aprendizagem do aluno e como ele fez com que o aluno mostrasse sua habilidade de desenhar a todos, sem frustra - lo, mas em um determinado momento do filme quando os pais mandaram a criança para a escola interna, como ele sentiu falta da família; o professor foi mais que detentor do saber ele foi um observador, informou a família mesmo os responsáveis não acreditando, o professor foi além; Isso é bacana não é ser apenas um professor, tem que ser diferente tem que enxergar seu aluno mais que os outros possam enxergar.
A inclusão requer de todos à contribuição, pois nenhum dos envolvidos (escola, comunidade, governo, sociedade); sozinho não da, o processo não vai é como se fosse uma andorinha, uma só não faz verão, temos que se unir para conseguirmos ir além.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Incluir é de fundamental importância para o convívio com as diferenças, de modo a respeitá-las e saber lidar com as pessoas e com todas as circunstâncias no decorrer da vida, e para isso, a escola é um agente que pode proporcional tal fato, mas se ela promover uma inclusão sem preparo, os problemas se agravarão. Para que a inclusão ocorra de modo eficaz é necessário que haja um preparo de toda a comunidade escolar antes da inserção do aluno com necessidade especial que necessitará de um professor especialista e também conscientizar os alunos para não zombar e ofendê- lo.

Quando um aluno portador de necessidade especial vai estudar em uma escola “normal” é necessário o professor entender qual o seu grau de dificuldade, além de conhecer qual a bagagem de conhecimento que ele traz consigo, e avaliando onde ele está inserido, além disso, temos que trabalhar com todos os alunos, pois sempre que existe algo de anormal no caso o aluno com necessidade, alguns acabam não respeitando por serem diferente (física, comportamental, emocional ou de aprendizagem) eles acabam sofrendo rejeição. Como forma de acabar com essa discriminação e integrar o indivíduo com necessidade educacional existem leis que foram realizadas como: A Declaração de Salamanca, A Convenção da Guatemala e a Lei de Diretrizes e Bases.

Após á LDB 9394/96, temos que incluir todos os alunos independentes da sua deficiência do seu grau de aprendizagem. Porém inserir o aluno não basta, ele tem que aprender. Como o professor sem preparo pode ensinar esse aluno? Ele não pode. Visto essa necessidade o professor tem que se preparar, estudando, para aprimorar seu conhecimento. Não

só isso o professor tem que conhecer os seus alunos e os que estão á margem dele, tem que entender o meio social e cultural no qual ele está inserido. A inclusão escolar remete á todos (escola, governo, família e sociedade).

Mudança, frente às necessidades educacionais encontradas em nossos alunos inclusivos, não podemos apenas inserir o aluno e sim fazê ló como parte do processo ensino aprendizagem.

ABSTRACT

The present work aims to address the importance of visual arts for teaching the learning of students with special needs, being mediated by the teacher. However, the learning process does not depend only on the educational institution, but on the whole, government, school, family and society, where together we can contribute to an egalitarian society, regardless of any needs that the student may present. It is not enough to work just a few to try to be inclusive, but all, as the law of Art.53 of the Statute of the Child and Adolescent says that all children have a guaranteed right to education without any kind of constraint or prejudice. Working through the Visual Arts is a strategy towards the path of expressive and representative development of the child, in this way, art needs to be more valued within the school, not only when drawing or painting, but mainly as a curricular subject corroborating the cognitive development of students with special needs.
KEYWORDS: Visual Arts; Teaching Learning; Special needs.

REFERÊNCIAS

APPLE, Michael W. Educação e Poder. Porto Alegre: Artes Médicas. 1989.
BRASIL, Ministério da Educação, Cultura e do Desporto. Secretaria do Ensino Fundamental. SEF. Parâmetros Curriculares Nacionais: Artes. 1993.
BRASIL, Ministério da educação. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. LDB. Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996.
BEYER, Hugo Otto. Inclusão e avaliação na escola: de alunos com necessidades educacionais especiais. Porto Alegre. Mediação, 2010;
CARDOSO, Maria Cecília de Freitas. Adaptando o conteúdo utilizando grandes áreas curriculares. Brasília: Corde, 1997.
CARVALHO, Rosita Edler; Removendo barreiras para a aprendizagem: educação inclusiva; Editora Mediação, 4 ed. Porto Alegre, 2004.
CARVALHO, Rosita Edler. A nova LDB e a educação especial. Rio de Janeiro. WVA, 2000;
COLL, Cesar. Os conteúdos na reforma: Ensino e aprendizagem de conceitos, procedimentos e atitudes. Porto Alegre. Artmed, 2000;
DEMO, Pedro. A nova LDB: ranços e avanços. São Paulo. Papirus, 2011;
FERREIRA, Carlos Alberto de Mattos. Psicomotricidade: educação especial e inclusão social. Rio de Janeiro. Wak, 2009;
FUSARI, Maria f. de Rezende E. A arte na educação escolar. São Paulo: Cortez, 1993.
FREIRE, Paulo. FAUNDEZ, Antônio. Por Uma Pedagogia da Pergunta. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
GAIO, Roberta. Caminhos pedagógicos da educação especial. Petropolis, RJ. Vozes, 2010;
LISITA, Verbena Moreira S. de S. Organização: Políticas educacionais, práticas escolares e alternativas de inclusão escolar. Rio de Janeiro. DP&A, 2003;
MANTOAN, Maria Teresa Egler. Inclusão escolar: o que é? Por que? Como fazer?. São Paulo. Moderna, 2006;
Maria Teresa Eglér Mantoan. Universidade Estadual de Campinas/Unicamp Laboratório de Estudos e Pesquisas em Ensino e Reabilitação de Pessoas-com Deficiência - LEPED/ FE/ Únicamp;<http://www.pro-inclusao.org.br/textos.html;
OSTROWER, Fayga. Criatividade e processos de criação. Petrópolis: Vozes, 1987.
PAIN, S. – Diagnóstico e Tratamento dos Problemas de Aprendizagem. Porto Alegre, Artes Médicas, 1986.
PROENÇA, Graça. Historia da Arte. 16. ed. São Paulo: Ática, 2000.
RADESPIEL, Maria. Alfabetização sem Segredos: Eventos Escolares. Arte na pré-Escola e no Ensino Fundamental. Minas Gerais: IEMAR. 2003.
READ, Herbert. O Sentido da Arte. 3. ed. - São Paulo: Ibrasa, 1976.
STABILE, Rosa Maria. A expressão artística na pré-escola. São Paulo: FTD, 1988.
STAINBACK, Susan e William STAINBACK: Inclusão: Um Guia Para Educadores. Porto Alegre: Artmed: 1999.
SAVIANI, Dermeval. A nova lei da educação: trajetória, limites e perspectivas. São Paulo. Autores Associados, 2000.
SCOZ, B. Psicopedagogia e Realidade Escolar: problema escolar de aprendizagem. Petrópolis,Vozes, 1994.
VISCA, J. Psicopedagogia: novas contribuições. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.